

DISCURSO, CULTURA E IDEOLOGIA NA TRAMA DOS SENTIDOS

Icléia Caires Moreira¹

TORCHI, G. F. C.; LIMBERTI, R. de C. P.; MELO, S. M (orgs.). *Nas Tramas do Discurso: aspectos culturais e ideológicos*. Florianópolis: Insular, 2017. 204 p.

Publicado em 2017, “Nas Tramas do Discurso: aspectos culturais e ideológicos”, obra organizada por Gicelma da Fonseca Chacarosqui Torchi, Rita de Cássia Pacheco Limberti e Silvia Mara de Melo, professoras doutoras da Universidade Federal da Grande Dourados, vem a público apresentar uma reflexão a respeito dos intrincados fios que tecem as tramas do discurso, entrelaçando-os e entretecendo-os às questões culturais, bem como às ideológicas fomentadoras dos processos de exclusão dos sujeitos (in)fames. A coletânea tem por objetivo central a problematizar quais são e como funcionam as redes de poder subjacentes ao enredamento dos sujeitos periféricos e excluídos de diversas formas do e no bojo da sociedade hegemônica.

Prefaciada por Pedro Navarro, professor doutor associado da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e pesquisador do CNPq com experiência na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso de linha foucaultiana, esta obra é composta por 204 páginas, divididas em duas partes de cunho temático.

Na primeira, são trabalhadas questões indígenas: há quatro pesquisas voltadas à problematização das relações étnico-culturais (representação/identidade) tanto de Mato Grosso do Sul quanto de outras partes do território brasileiro. Na segunda, são mobilizadas cinco reflexões vinculadas ao corpora midiático veiculado por diversos suportes (televisão, cinema, teledramaturgia, jornalismo, entre outros), a fim de observar as relações de *saber poder* que se

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos, linha de pesquisa Discurso, Subjetividade e Ensino de Línguas, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPTL). Bolsista Fundect. E-mail: icamoreira@hotmail.com

microcapilarizam a partir da força da mídia enquanto ente responsável por formar opinião(ões) e de pedagogizar a sociedade contemporânea. As duas partes do livro coadunam-se, desejosas de (re)forçar a opacidade do discurso e as muitas possibilidades interpretativas, além de demonstrar a não neutralidade da posição sujeito pesquisador no trato da produção científica.

No primeiro capítulo, “Os kinikinau: processos identitários e a luta pela terra”, escrito pelas professoras doutoras Claudete Cameschi de Souza e Celina Aparecida G. S. do Nascimento, ambas vinculadas ao programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPTL), é possível tomar conhecimento dos processos persecutórios e de peregrinação sofridos pelos indígenas da etnia Kinikinau mediante a busca de um território em que possam estabelecer seu povo e sua cultura. A partir da análise discursiva da “Carta do povo Kinikinau ao Estado brasileiro”, as autoras promovem um gesto interpretativo sobre a luta pela terra e os processos de exclusão/identitários a que os sujeitos indígenas são acometidos desde os primórdios do colonialismo. Por meio das regularidades emergentes da materialidade linguística, discutem as relações de poder e de resistência que estão imbricadas na relação de força entre Estado e o povo Kinikinau.

No segundo texto, intitulado “Somos mais de 15 mil espremidos na reserva: fronteiras discursivas e aspectos identitários dos indígenas”, Vânia Maria L. Guerra, professora doutora vinculada ao programa de pós-graduação em Letras da UFMS/CPTL e Laura Cristhina Revoredo Costa, doutoranda da mesma instituição, têm o objetivo de problematizar o percurso identitário dos indígenas instaurado nos processos de significação das formas languageiras do *rap* produzido pelos “Brô MC’s”, grupo de *rap* formado por três indígenas das aldeias Jaguapiru e Bororo, situadas nas proximidades do município de Dourados, Mato Grosso do Sul. O processo analítico das autoras, embasado teórico-metodologicamente na Análise discursivo-desconstrutiva transdisciplinarizada ao Pós-colonialismo, aponta para o deslocamento do lócus de enunciação dos centros do sistema moderno-colonial para as margens fronteiriças dos *bios* destes sujeitos indígenas, isto é, para o lócus geostórico de suas existências (NOLASCO, 2016).

O artigo, “As nuances de sentido das designações índio/indígena na imprensa digital”, produzido por Aline Saddi Chaves, professora adjunta da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Câmpus de Campo Grande, descreve e analisa a circulação das designações nominais índio/indígena no discurso jornalístico digital sul-mato-grossense, sob a égide da Análise do Discurso de origem francesa. Tal propósito, permite à pesquisadora erigir uma incursão analítica que observa as nuances, histórico-ideologicamente, atribuídas às alcunhas eleitas de maneira a

desvelar as relações de poder que delas emergem ao longo do tempo, no transcorrer ininterrupto de sentidos permitidos na e pela língua(gem).

O quarto texto, “Fronteiras e culturas: práticas sociais e discurso dos primeiros contatos índios brasileiros/portugueses”, de autoria de Rita de Cássia Pacheco Limberti, professora pesquisadora filiada a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), discorre sobre a representação erigida a respeito do sujeito indígena a partir da Carta de Pero Vaz de Caminha. Sob a orientação teórico-metodológica da Semiótica, a autora analisa os procedimentos pelos quais esta representação é construída a partir do e no discurso epistolar, bem com suas coordenadas/projeções espaço-temporais. Conforme a estudiosa, é desta matriz representativa que uma imagem de “bom selvagem” foi engendrada e ainda (re)vigora em muitos discursos contemporâneos dentro da sociedade hegemônica.

No quinto artigo, pertencente a segunda parte desta obra, intitulado “A nova classe média na telenovela: uma abordagem semiótica”, Conrado Moreira Mendes, professor adjunto da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, se propõe analisar o primeiro capítulo da novela “I love Paraisópolis”, escrita por Alcides Nogueira e Mário Teixeira, veiculada pela emissora Globo no horário das 19:00h, de maio a novembro do ano de 2015. Amparado na Semiótica de linha francesa, o pesquisador busca compreender como se engendra a chamada “nova classe média” ou “classe C”, a representação de sua forma de vida e a suas relações sociais tecidas neste enredo eleito, visibilizado por meio do artefato midiático televisivo aberto. O texto se organiza a partir de análises que consideram as noções de alteridade e de identidade, bem como suas imbricações/tensões constituídas e construídas no *entre-lugar* denominado “cidade-favela”.

No sexto capítulo, “O trono do estudar: o percurso gerativo de sentido entre protestos e pífanos”, de autoria de Ana Paula Pinheiro da Silveira e Maria de Lourdes Rossi Remenche, ambas professoras adjuntas do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação (DALIC), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR/Câmpus de Curitiba), analisa-se o processo de produção de sentido na rede de interações conflituosas e contestações emergentes da canção “O trono do estudar”, escrita por Fausto Reis. Pautadas na Semiótica de Greimaziana, as pesquisadoras trazem à tona como os sentidos de caráter histórico são constituídos e cristalizados, de que maneira emergem de dentro de um movimento de reação à opressão e ao cerceamento dos direitos dos estudantes – a saber: o movimento de ocupação dos secundaristas das escolas públicas de São Paulo, sempre observando a relação língua-sujeito-história.

Em “A mídia e a cultura do espetáculo: um caso de sensacionalismo”, de Silvia Mara de Melo, professora doutora atuante na Faculdade Comunicação, Artes e Letras da UFGD e Cleudemar Alves Fernandes, professor associado da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), o sétimo capítulo desta obra, são analisados discursivamente os enunciados de um texto publicado pela revista “Carta Capital”, em 29 de junho de 2015, na seção “televisão”, intitulado “TV aberta mostra policial atirar em suspeito ao vivo”. Baseados nos estudos de Foucault e Althusser, os pesquisadores refletem sobre questões de *saber poder* e de *aparelhos Ideológicos do Estado* que extrapolam os enunciados e delineiam uma espécie de espetáculo midiático que vai além dos interesses de proteção e desejo de informação do cidadão, tanto por parte da polícia quanto por parte da mídia jornalística.

No penúltimo texto, “Uma leitura de ‘Ao mestre com carinho’ Ecos na contemporaneidade”, escrito por Marcos Lúcio Gois, professor associado da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), observa-se como é construída socialmente representação do sujeito-professor a partir da materialidade cinematográfica do filme “Ao mestre com carinho”, produzida em 1966. O autor mobiliza noções como: discurso, identidade, imagem e ideologia, com a finalidade de estudar a representação social de professor presente no imaginário social escolar. Sob esta égide, salienta que a visão do professor como sujeito redentor e salvador pode ser vista tanto no filme quanto no posicionamento contemporâneo da sociedade em decorrência da crença de que o sujeito professor “salva as pessoas da ignorância”. Entretanto, ainda que coloquem o professor nesta empreitada salvacionista, ele continua a ser submetido à péssimas condições de trabalho, sem dignidade e respeito frente a sua prática docente.

No texto final, intitulado “Cacos em ebulição semiótica: a composição mosaica dos aspectos de transmutação de uma escritura”, de Gicelma da Fonseca Chacarosqui Torchi, professora da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), discute-se a importância dos estudos semióticos para os processos interpretativos de tudo que permeia a condição humana. Ao se propor transdisciplinar, tal ciência analítica permite operacionalizar as condições para se discriminar os espaços de relações que envolvem o devir da(s) língua(gens) e os do(s) sentido(s) na cultura. A pesquisadora se vale de um curta metragem, “Caramujo-flor”, de Joel Pizzini para demonstrar este percurso analítico da Semiótica. A obra eleita para análise, inspirou-se em Manoel de Barros, poeta sul-mato-grossense, e contribui para o descortinar da *semiosis*, capaz de compreender o caleidoscópio de sensações e emoções litero-imagéticas que emergem da materialidade.

Seguramente, podemos dizer que esta coletânea de artigos se configura como um convite à reflexão problematizadora das tramas e dos entrelaçamentos do Discurso em seus múltiplos trajetos e possibilidades de sentidos. É um chamado intelectual para se pensar na opacidade do dizer (PÊCHEUX, 1988), nas suas brechas interpretativas, emergidas dos equívocos, propiciadas pelos ditos e pelos silêncios (ORLANDI, 2007), pelos diálogos e duelos, sempre tensos, (GREGOLIN, 2007) travados entre a linguagem verbal e a não-verbal. Trata-se de uma oportunidade de problematizar, via discurso, os rastros históricos e espectrais de sentidos relegados a pulsão de vida de um arquivo, ou de morte deste. De maneira a nos fazer enterrar ou exumar possibilidades interpretativas a respeito dos sujeitos e das condições sócio-históricas que os constituem (DERRIDA, 2001).

Referências:

DERRIDA, Jaques. *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. De Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

GREGOLIN, Maria do R. *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: Claraluz, 2007.

NOLASCO, E. C. A (des)ordem epistemológica do discurso fronteiriço. *Cadernos de Estudos Culturais*, Campo Grande, v. 8, n. 15, 2016. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/3646-11277-1-PB.pdf. Último acesso em: 14 out. 2019.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas: Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

Recebido em 10/10/2018

Aprovado em 21/11/2018